

O CAMPO MINADO PELO CAPITAL NAS ECOLOGIAS DAS SERRAS DO SERTÃO: UM ESTUDO DESCRITIVO

Maria Rosa Almeida Alves¹
Juracy Marques dos Santos²
Andreza Barreto Oliveira³

RESUMO

Neste artigo apresentamos um panorama sobre o que chamamos de Ecologias das Serras do Sertão, tendo como foco a Serra dos Morgados, em Jaguarai-BA, Piemonte Norte do Itapicuru. Abordam-se os modos de vida da população em contraponto com os investimentos do grande capital que vem se implantando em todo o complexo de Serras, o que tem provocado impactos de toda ordem, incluindo-se a destruição dos últimos refúgios de aves e outros animais na mata mais densa do topo das serras. Através da pesquisa bibliográfica, foi possível compreender a dimensão dos prejuízos socioambientais provocados por grandes projetos como parques eólicos, parques solares e empresas mineradoras, ampliando a extensão da propriedade privada sobre o ambiente, num processo de mercantilização que tem se acelerado. Abordamos, nesse contexto, a Ecologia Humana como um modo de integrar a compreensão da existência humana não apenas do ponto de vista biológico, mas também relacional e político, destacando a atuação dessa espécie no ambiente e as contradições percebidas através do modo de vida tradicional e o *modus operandi* do capital, com seu projeto desintegrador das teias de vida que constituem as Ecologias das Serras.

Palavras-chave: Natureza. Capitalismo. Comunidade. Relações socioecológicas.

ABSTRACT

In this article, we present an overview of what we call ecologies of the Backwoods Mountain range, focusing on the Mountain range of Morgados in Jaguarari-Ba Piedmont North of Itapicuru. It addressed the population's way of life in contrast to the investments of grand capital that have been carried out throughout the mountain range complex, causing impacts of all kinds, including the destruction of the last refuges for birds and other animals. in the densest forest at the top of the mountain range. Through bibliographic research, it has been possible to understand the extent of socio-environmental damage caused by large projects such as wind farms, solar farms, and mining companies, which expand the scope of private property over the environment in a process of commodification that has been accelerating. In this context, we approach Human Ecology as a way of integrating the understanding of human existence not only from a biological point of view but also from a relational and political point of view, highlighting the role of this species in the environment and the contradictions perceived through

¹ Maria Rosa Almeida Alves - Doutoranda em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), rosaroseiralves@gmail.com;

² Juracy Marques dos Santos - Doutor em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), jumsantos@uneb.br;

³ Andreza Barreto Oliveira - Pós-Graduanda do Curso de Especialização em Geografia do Semiárido e Educação Ambiental do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), andoliveira@uneb.br.

the traditional and the modus operandi of capital, with its project of dismantling the webs of life that specifically the mountain range Ecologies.

Keywords: Nature. Capitalism. Community. Socioecological relations.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, discute-se a presença dos métodos – antigos e atuais – do capitalismo nos ambientes de Serra e as contingências trazidas por estes, tais como as modificações causadas pela implantação do capital no campo, em vários aspectos, inclusive no âmbito da subjetividade.

Tem-se como foco a Serra dos Morgados⁴, que se situa na porção norte do município de Jaguarari, é parte de um conjunto geográfico conhecido como Serras da Jacobina, limitando-se com o município de Campo Formoso. A ocupação humana nesse lugar provavelmente venha de tempos distantes, ainda quando da formação dos quilombos na região, em que os municípios como Senhor do Bonfim e Jacobina figuram como destino de escravizados em busca de lugar para estabelecer suas vidas. De acordo com a pesquisa de López e Marques (2017) a fundação do povoado Serra dos Morgados, entre os moradores, é consenso que tenha se dado no final do Século XIX, quando a família de José Morgado teria chegado para morar no local. Consideram os autores que a comunidade é “centenária”.

Referimo-nos às Ecologias das Serras como um conjunto de saberes-fazer, modos de vida, pertencimentos, envolvimento e práticas centenárias que constituem a relação das pessoas entre si com o ambiente na produção dos seus modos de existência. Esse conjunto de elementos formam teias que se intercomunicam e sustentam a vida, de várias maneiras, desde a produção de alimentos à produção de modos de vida de se conectar com as divindades e praticar a espiritualidade.

Para além das formas de viver, plantar, prever o tempo, rezar, receber os que chegam e de enterrar seus mortos, as relações socioecológicas nas Serras dizem respeito também à interação espécie humana-natureza, sendo esta uma relação não apenas de autossustentação da primeira, mas ainda de reverência, cuidado, complementariedade, afeto. Portanto, os ecossistemas humanos e subjetivos estão em interatividade com os ecossistemas físico-naturais tais como as plantas, as águas, a terra, o ar, os animais, as

⁴ É interessante destacar que estamos falando de duas comunidades contíguas, conhecidas como Serra dos Morgados de cima e de baixo, sendo que a parte mais alta é também conhecida como Serra da Berinjela e está situada no território do município de Campo Formoso-BA

florestas, borboletas, minhocas e flores. Como descreve Tuan (2011, p. 58) para as pessoas que lidam diretamente com a terra, a natureza já é experimentada como parte de si:

Para o trabalhador rural, a natureza forma parte deles – e a beleza, com substância e processo da natureza, pode-se dizer que a personifica. Esse sentimento de fusão com a natureza não é simples metáfora. Os músculos e as cicatrizes testemunham a intimidade física do contato (TUAN, 2011; p. 58).

Estando em constante interação, as pessoas que vivem em harmonia com o ambiente natural, tornam-se “sintonizadas” com os elementos, de forma que eles tornam-se parte da vida. Num sentido semelhante, Barros Santos (2021) discutindo a relação de cuidado do humano com a Natureza, acrescenta: “Assim, através do cuidado demonstramos uma relação de pessoa-pessoa em sintonia com o ambiente ao redor, estabelecendo uma coexistência entre o que é humano e o que é do meio” (BARROS SANTOS *et al*; 2021, p. 92).

Assim sendo, destacamos, neste escrito, como as relações espécie humana-natureza tem vindo a se transformar com o passar das últimas décadas em que a penetração sistemática e quase imperceptível do capital nesses ecossistemas humanos tem deixado um rastro impactante no qual as perdas são cumulativas em todos os sentidos.

1. MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia pela qual optamos é a revisão de literatura, através de análise descritiva de textos que tratam do complexo das Serras da Jacobina, considerando suas especificidades, em especial o que tange às Serras do Morgado e da Berinjela. Utilizamos como referencial três relatórios elaborados por pesquisadores que atuam no Movimento Salve as Serras, um grupo socioambientalista que defende a integridade das Serras em toda a sua expressão física e biológica, como também ambiental e social. Além disso, outros livros, artigos científicos e dissertações/teses também foram fonte de embasamento da presente escrita.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Os sentidos da existência nas Serras

Existir num ambiente de montanhas, é, para alguns estudiosos, estar em um ambiente especialmente “espiritualizado”. Tuan acredita que: “os cumes das montanhas e outras saliências são escadas para o céu, o lar dos deuses. Ali, o homem poderia

construir templos e altares, mas não suas próprias moradas, a não ser para escapar de ataques.” (TUAN 2011, p.167/168). Lopez e Marques (2017), por sua vez, apresentam um estudo sobre aspectos da Natureza das Serras⁵, em especial em relação à água, demonstrando que esta se constitui numa riqueza produzida através das nascentes, e como tal está intimamente ligada ao equilíbrio biofísico desse ecossistema serrano.

A produção de água é uma “tarefa” - nem sempre reconhecida – do ambiente de Serras, definida pelos autores como “caixas d’água”. Uma vez que ocorram modificações ambientais que resultem no desaparecimento de nascentes (conforme tem se verificado nas duas comunidades em questão) os poços artesanais não encontrarão mananciais aquíferos suficientes para servir as comunidades que utilizam essa água. Registre-se que, a perfuração desses poços (para abastecer comunidades distantes) tem sido um dos fatores de exaustão dos mananciais hídricos dessas Serras, conforme amplamente documentado.

Cuidar da Natureza - para que a vida possa ter equilíbrio e a espécie humana não contribua para a inviabilização da permanência de outras espécies - significa produzir um modo de vida menos agressivo e mais integrativo. Assim, inspira-nos o conceito de “bem-viver” o qual alinha-se com um projeto de vida que integra ser humano/natureza/espiritualidade, na contramão do “antropoceno”.

O bem-viver, mais que um conceito, é um modo de ser/viver que associamos ao ambiente das Serras por ser este um ambiente único, envolvendo possibilidades de uma vida com qualidade e equilíbrio, e ainda, mais “espiritualizada”.

A visão antropocêntrica característica da sociedade dominante atribui apenas um valor utilitário à natureza. Já o bem-viver tem uma proposta de reciprocidade, relacionalidade, complementariedade que integra e consensua visões alternativas (COSTA NETO *et al* 2022, p.10).

Dessa perspectiva, o bem-viver desconstrói a lógica acumuladora e utilitária da natureza, superando-a e tornando-se alternativa ao “DES-ENVOLVIMENTO”⁶. Há uma similaridade com esses pressupostos nos modos de vida das comunidades tradicionais, uma vez que, nestas, há uma forte relação de cooperatividade entre as pessoas.

Marques *et al* (2021, p. 228) acrescentam ainda: “ o ‘desenvolvimento’ econômico, majoritariamente, se concretiza e se mantém através do sacrifício e da

⁵ No caso, especificamente sobre a serra dos Morgados.

⁶ Des – envolvimento: aqui entendido como o contrário de “envolvimento”; onde não há relações de envolvimento, compromisso mútuo, lealdade, ou seja, vínculos afetivos entre as pessoas e entre estas e seu lugar.

destruição ambiental”. Essa é a perspectiva que se tem perpetuado nas Serras, e nas últimas décadas de modo especial, tratando-se da exploração minerária e de geração de energia *onshore*, tanto eólica quanto solar.

É pertinente dizer que as ameaças externas e internas desestabilizam a vida e suas ecologias nas Serras. Ameaças internas, são, por exemplo, a exaustão das reservas de água, percebida com o desaparecimento do Rio Estiva e dezenas de nascentes - causada pela perfuração desordenada de poços e o desmatamento. Já as ameaças externas são, mais especificamente, a chegada de grandes parques de geração de energia eólica e também as mineradoras - megaprojetos alicerçados na apropriação da natureza pelo capital, uma vez que geram riquezas para um pequeno grupo de bilionários a partir da invasão de comunidades, da supressão da mata nativa do topo das serras, do desaparecimento dos últimos felinos, aves, abelhas e morcegos, além de outros agravantes como a grilagem de terras e a desinformação na assinatura dos contratos pelos comunitários.

Esse conjunto de ameaças, já experimentadas nas proximidades do território em foco - conforme está documentado nos três relatórios produzidos por estudiosos que participam do movimento socioambientalista Salve as Serras - pode provocar, de forma bastante contundente, além da perda de biodiversidade, perdas sociais e culturais bastante significativas. Quanto ao aspecto simbólico, ressalta-se também as conexões entre as pessoas e seu lugar, as marcas de memória que refletem o amor pela terra e os traços emocionais referenciados nessa memória (DIAS, 2021).

O que consideramos Ecologias da Serra compreende esse conjunto de elementos da memória, dos saberes próprios do lugar, o uso de determinados elementos naturais - por exemplo, algumas plantas - as relações sociais, os costumes, crenças e práticas rituais. Nesse sentido, a rede de elementos simbólicos existentes nas Serras, evidenciadas neste escrito como os diversos “ecossistemas”, abrange ainda as relações sociais e os saberes e fazeres próprios da comunidade, tais como os festejos populares (reizado), a relação com o sagrado (rezas, ladainhas, hinos, “visões”, etc), além de modos de trabalhar com a terra e produzir alimentos.

É esse conjunto memorístico que constitui um aspecto etnoecológico da territorialidade aqui delimitada como Serra dos Morgados e que tem estado sob a tensão crescente da chegada de empreendimentos de forte impacto socioambiental.

2.2 Riquezas ambientais e monetarização

Entendendo a Ecologia Humana, também, como o “estudo das interdependências entre a sociedade e o ambiente” (PIRES; CRAVEIRO, 2012, p. 4) inclui-se nesse agrupamento aspectos populacionais, ambientais e culturais, mas também aspectos políticos e que possibilitam compreender as dinâmicas dos processos capitalistas que submetem as populações ao redor do mundo.

Desse modo, entende-se que identificar as responsabilidades do agente humano no ambiente é tarefa de uma Ecologia Humana que questiona o presente e preocupa-se com o futuro, apontando possíveis caminhos para a reestruturação de uma ética da vida. O modelo de desenvolvimento vigente, socialmente desequilibrado (HOUTART, 2011) deve ser questionado, pois estamos nele mergulhados, percebendo tardiamente que o planeta não tem como suportar a máquina destrutiva em que se converteu a espécie humana pós industrial.

Para Marques *et al* (2021, p. 223) “o desenvolvimento econômico se concretiza e se mantém através do sacrifício e da destruição ambiental”. É esse sacrifício visualizamos ao reconhecer as Serras dentro de um campo minado pelos projetos do capital. E nesse contexto, como afirmam os autores acima, “as populações que mais sofrem os efeitos devastadores dessa lógica exploratória (expropriação) são as Comunidades Tradicionais” (MARQUES *et al*, 2021; p. 227).

Comunidades tradicionais são aquelas que mantêm o ambiente em equilíbrio, sabendo utilizar o que precisa da Natureza sem lhe causar danos. Comunidades de fundo de pasto, quilombolas, indígenas e pequenos agricultores que vivem de modo sustentável, em harmonia com os ecossistemas, numa relação de cuidado permanente com a natureza, respeitando seus ciclos.

Trazendo presente a Ética do Cuidado, como bem define Boff (2011, p. 25), as pessoas que vivem numa relação intensiva com a Natureza, contribuem para outro modo de produzir a existência, tendo a vida (numa concepção extensa) como elemento que permeia seu fazer cotidiano, o que se reflete nas relações sociais:

O cuidado está ligado aos processos da vida, seja em sua manutenção e reprodução, seja em sua construção social. Pelo cuidado, o ser humano pessoal e coletivo supera as desconfianças, os medos, e estabelece os fundamentos para uma paz duradoura (BOFF; 2011, p. 25).

Simbolicamente, as Serras (montanhas em geral) são também consideradas lugares propícios para o desenvolvimento de práticas religiosas e espiritualistas, tendo associada sua

geografia à condição apropriada para se estar em sintonia com o “além” do mundo físico. Há registros históricos de busca de experiência espiritual nas montanhas, o mais conhecido talvez seja o relato bíblico de Jesus.

Apesar dessas simbologias, a forma de olhar para as Serras vem sendo outra, proposta pelos grandes empreendimentos que se dizem produtores de “energia renovável” e por outros, que exploram minérios e pedras preciosas no solo. Os ventos passaram a ser fonte de capital, uma vez que através dos imensos aerogeradores são capazes de gerar milhões de *megawatts*⁷.

Vivemos sob o impacto da monetização da natureza, em que a relação com a terra, as águas - e agora, os ventos - é quantificada em papéis nas bolsas de valores. Desse modo, as populações mais próximas do modelo tradicional cuja relação com a Natureza tem a vida como principal valor, tornam-se empecilhos nos processos de apropriação do capital, como vimos discutindo neste texto.

O valor de controle da natureza apenas econômico impede de considerar a pluralidade dos valores existentes, sobretudo dos povos e comunidades tradicionais. Este processo de mercantilização da natureza e a extensão da propriedade privada sobre o ambiente operam como um processo permanente de apropriação/expropriação dos mangues, praias, cachoeiras, serras, trilhas, nascentes, reservas extrativistas, etc (ANTONINO;GERMANI, 2021; p.63/64).

Os autores acima citam também o caso específico dos projetos minerários: “Mineração causa colapso nas condições de vida dos territórios terra-abrigo e são oriundos de projetos financeiros que não nasceram na comunidade” (ANTONINO; GERMANI, 2021; p.64). Os estudos mostram que tais projetos se impõem sobre as comunidades sem respeitar a lógica e a cultura local, além de trazer danos como poluição das águas e do ar, comprometendo a biodiversidade.

Mediante os interesses do grande capital, as prioridades, frente à natureza, passam a ser o lucro a todo custo, sem que se leve em consideração a necessidade de um ambiente equilibrado para a própria reprodução da vida. Conceição (2021, p. 186) considera que “ainda impera uma visão equivocada do antropocentrismo, a qual hierarquiza a sede humana em detrimento da sede dos animais e das plantas”. O comprometimento das reservas aquíferas do subsolo se dá, conforme o autor, mediante o desmatamento para instalação de torres eólicas e mineração, e a perfuração descontrolada de poços artesianos.

A chegada dos empreendimentos de grande porte provoca a exploração descontrolada de água, a supressão das matas e nascentes exatamente no topo das Serras

⁷ Conforme Relatório da Comissão Pastoral da Terra (2022), segundo estimativas da época, com a entrada em operação de mais 176 parques eólicos, a Bahia pode chegar a um volume de 10 *Gigawatts* em produção de energia eólica.

onde há uma reserva de biodiversidade considerável, sendo refúgio de espécies nativas.⁸ “A natureza e seus ecossistemas são a base da existência da vida no planeta, de modo que não viveríamos sem os bens naturais básicos como a água, a flora, e sobretudo sem o ar” (MARQUES *et al.*, 2021p. 224).

Bonfim e Silva (2021, p. 169) considerando a urbanização e a progressiva redução dos espaços verdes, afirmam que as aves que dependem desses espaços passam a entrar em risco de extinção. Nas Serras do Sertão esse fato já vem se agravando:

Atrelado ao avanço dos parques eólicos nas Serras do Sertão, esses ambientes de montanha vem passando por um processo de transfiguração ambiental, proveniente também da especulação imobiliária, mineração, desmatamento da zona de amortecimento e queimadas criminosas.

Com esses agravantes, é perceptível que a vulnerabilidade dos sistemas bioecológicos das Serras compromete sua integridade, deixando a fauna, - al e nesse caso específico, a avifauna - em grande risco.

2.3 O campo minado pelo capital

O campo já é um espaço dominado pelo grande capital, as “riquezas” menerais são apropriadas por grandes grupos econômicos desde que passam a existir como tal. Essa é uma realidade não somente do Brasil, mas da América Latina, basta ver o que documenta Galeano (2010)⁹ acerca da expropriação da natureza pela colonização espanhola nos países latino-americanos.

Na atualidade, o mapa da expropriação dos países da América Latina só tem materializado o aumento da exclusão dos povos tradicionais, mediante a ação de garimpeiros e do agronegócio com suas extensas monoculturas. Entretanto, o termo “monoculturas” não se refere apenas às áreas em que se plantam unicamente capim para o gado ou soja para exportação; mas ainda é tomado como metáfora para explicar a maneira como o capital se enraíza no modo de viver e de pensar das populações, configurando-se uma “praga” e dominando o que se pensa de forma que toma conta das mentes de forma substancial (SHIVA, 2003).

Com essa perspectiva, a monocultura mental aniquila os saberes locais e devasta os ecossistemas socioculturais, tais como as relações familiares e de compadrio, notadamente entre as pessoas que vivem em comunidades rurais.

⁸ Conforme os relatórios produzidos pelo movimento Salve as Serras (2020, 2021) e o Relatório da CPT citado.

⁹ Livro *As veias abertas da América Latina*

2.4 Capitalismo, pobreza e *commodities*

Sabe-se que o sertão nordestino é considerado um lugar de “pobreza” e isso é o bastante para justificar qualquer atividade de exploração da natureza. Nesse modo de pensar, as “monoculturas da mente” atuam para fortalecer a ecologia do medo, da perspectiva fundada no “desenvolvimento” excludente e engolidor de montanhas, nascentes e bichos.

Os conhecimentos tradicionais também são alvo do capital, introduzindo seus mecanismos diversos de modo que os saberes são substituídos por conhecimentos “validados” e sempre aliados dos processos capitalistas. Métodos de cultivo, produção e transformação são exemplos disso, ao serem substituídos pela mecanização e insumos industriais. Conforme explicitam Toledo e Barrera-Bassols (2009) os saberes tradicionais ou locais são de grande amplitude :

Na mente do produtor tradicional existe um detalhado catálogo de conhecimento acerca da estrutura ou dos elementos da natureza, as relações que se estabelecem entre estes, seus processos e dinâmicas e seu potencial utilitário. Dessa forma, no saber local existem conhecimentos detalhados de caráter taxonômico sobre constelações, plantas, animais, fungos, rochas, neves, águas, solos, paisagens e vegetação, ou sobre processos geofísicos, biológicos e ecológicos, tais como movimentos de terras, ciclos climáticos ou hidrológicos, ciclos de vida, períodos de floração, frutificação, germinação, zelo ou nidificação, e fenômenos de recuperação de ecossistemas[...] (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2009; p.36).

Tais conhecimentos se perdem através da desvalorização e da implantação de “monoculturas” da mente, como descreve Shiva. A autora também considera que o saber local desaparece de várias maneiras: “primeiro fazem o saber local desaparecer simplesmente não o vendo, negando sua existência” (SHIVA, 2003; p. 25) num processo lento e quase imperceptível; e ainda afirma que: “o saber dominante também destrói as próprias condições para a existência de alternativas, de forma semelhante à introdução de monoculturas” (SHIVA, 2003; p. 25).

Transformar as ecologias subjetivas e materiais das Serras mediante os apelos do capital - que traz a lógica do individualismo, da competição, as promessas atraentes de transformar a vida, ao morar na cidade - pode ser um processo tanto mortal quanto sedutor, pois apoia-se numa lógica mercantilista.

Porto-Gonçalves (2004, p. 31) tratando do desafio ambiental da atualidade, afirma que o risco para a humanidade e para o planeta advém do fato de tentar “submeter o planeta e a humanidade a uma mesma lógica sobretudo de caráter mercantil que traz em si mesma o

caráter desigual por estar atravessada pela colonialidade do poder”. Sabe-se que “20% dos habitantes mais ricos do planeta consomem cerca de 80% da matéria-prima e energia produzidas anualmente, vemo-nos diante de um modelo-limite.” (PORTO-GONÇALVES, 2004; p. 31).

Dessa forma, os conflitos ambientais localizados e minimizados inserem-se num projeto de amplitude e consequências desconhecidas. A pobreza é perpetuada através da ação do capital na expropriação das populações menos protegidas, enquanto a natureza transforma-se em *commodities* para o lucro de poucos.

2.5 Conflitos e pés de vento

Nas Serras da Jacobina, e em comunidades circunvizinhas à Serra dos Morgados, o conflito ambiental já vem se dando pela implantação de parques eólicos e de energia solar, causando preocupação e motivando questionamentos e ações jurídicas em favor da sociobiodiversidade¹⁰.

A relação das empresas que instalam aerogeradores para a produção de energia a partir dos ventos com a Natureza e as comunidades tradicionais é complexa e merece um estudo aprofundado para que se esclareça o caráter predatório desses empreendimentos - que são conhecidos pela propaganda “verde”. A partir da disseminação de ideias sobre produção de “energia limpa” tenta-se influenciar a opinião pública, notadamente as comunidades envolvidas, no sentido do convencimento sobre os “benefícios” trazidos por essas empresas, lançando assim uma cortina de fumaça sobre todas as consequências nefastas a curto, médio e longo prazo como será discutido adiante.

Ribeiro; Oliveira (2021, p. 24) em seu texto, apresentam várias externalidades negativas com a implantação desses parques eólicos, afirmando sobre os conflitos, que: “Antes mesmo da instalação já são estabelecidos conflitos com a chegada da proposta do empreendimento sempre com o discurso de trazer benefícios em termos de emprego, uso da terra e renda para membros das comunidades.” Conflitos esses, em que se incluem casos de terras consideradas “devolutas” sendo apropriadas por empresas, e também comunidades tradicionais sendo sistematicamente invadidas.¹¹

¹⁰ Como exemplo pode-se citar a decisão do Ministério Público Federal que proibiu a continuidade das obras da empresa francesa Voltalia que estava implantando um parque de geração de energia eólica em uma área de predominância da ararinha azul-de-lear na região de Canudos-BA. Ação esta, motivada por inúmeros grupos ambientalistas e de movimentos populares que se mobilizaram contra a instalação do parque.

¹¹ Conforme é relatado nos três volumes escritos pelo movimento Salve as Serras.

O modelo de desenvolvimento perverso - como afirmam Marques *et al* (2021; p. 235) no capítulo *A Cartografia do Invisível: o Tempo para além do vento* ocupa-se de “destruir e socializar os prejuízos, enquanto um grupo de pessoas - que se conta nos dedos das mãos - enriquece pisando sobre os escombros das vidas de ‘outros’”. Essa visão maniqueísta da natureza é também descrita da seguinte maneira:

O advento da ciência moderna passou a relacionar o funcionamento da natureza a uma máquina inesgotável a serviço da humanidade. Essa visão utilitarista e controladora da natureza decorre, segundo Berkes (1999), do desenvolvimento da industrialização e da ciência reducionista, que levaram à perda de uma visão de mundo interconectado, onde seres humanos integram a teia da vida (COSTA NETO *et al* 2022, p. 10).

Desse modo, o avanço do capital sobre o ambiente das Serras provoca uma intensa modificação no modo de vida e no equilíbrio socioambiental, uma vez que há muitos relatos científicos e estudos que apontam os impactos causados, de maneira específica, pela instalação de parques eólicos. Gomes (2021) trata da assinatura de contratos de parceria por parte de moradores das comunidades sem que estes compreendam o teor das cláusulas e o compromisso que está sendo ali firmado. Ressalte-se, também, a flexibilização da legislação ambiental no Estado e as estratégias que algumas empresas utilizam para lograrem todo êxito nos trâmites burocráticos e obterem as licenças requeridas.

Como afirma Gomes (2021, p. 67) referindo-se aos municípios que integram a vizinha Chapada Diamantina: “[...] pouco a pouco, o Território da Chapada Diamantina, suas fontes de água e suas paisagens exuberantes integram agora os mapas prioritários dos principais empreendimentos de energia eólica no país”. Bonfim; Silva (2021) documentam ainda que:

A instalação dos parques eólicos de natureza complexa aumenta a pressão sobre a diversidade biológica das serras do Sertão com impactos diretos sobre a fauna (sobretudo aves e morcegos), a flora, não esquecendo as rotas de migração de espécies nativas. (BONFIM; SILVA, 2021 p. 172).

Torna-se evidente que os conflitos socioambientais estão muito vinculados à chegada desses empreendimentos, não somente os de energia eólica, mas os de energia solar e os empreendimentos minerários, todos de alto impacto.

Imagem: Aerogeradores do parque eólico Folha Larga Norte em Campo Formoso-BA



Fonte: Jornal Correio da Bahia/maio de 2021

A presença dessas torres gigantes tem sido questionada por movimentos e pelas comunidades, pois contradizem a propaganda de “energia limpa”, uma vez que os prejuízos socioambientais são permanentes. O modelo de produção desse tipo de energia deve ser revisto, pois não traz benefícios sociais. Há projetos de energia limpa gerenciados por comunidades e de proporções adequadas, que podem ser implantados com baixo custo e conseguem atender a demanda de energia residencial¹², uma transição energética popular.

2.6 E a Ecologia Humana, o que tem a ver com isso?

Estar do lado da defesa da Natureza é um fator que define a Ecologia Humana e os ecólogos humanos; estes, sabendo-se envolvidos com as dinâmicas socioambientais a partir da visão sistêmica da relação espécie humana-natureza, assumem sair de um lugar de observador. A Ecologia Humana no Brasil - e no Nordeste - tem desenvolvido um perfil mais atuante, no sentido de considerar os conflitos ambientais como parte do seu objeto de estudo.

É sabido que o Brasil é um dos países mais perigosos do mundo para os ambientalistas - o que se tornou mais intenso nos últimos quatro anos. O desafio atual da Ecologia Humana está vinculado aos novos conflitos ambientais, uma vez que

¹² Um exemplo é o Comitê de Energia Renovável do Semiárido que vem discutindo e apresentando propostas para a transição energética através de uma gestão pública responsável e democrática.

envolvem modos de vida tradicionais e colocam em risco as reservas hídricas e a própria segurança alimentar, além de grande perda de biodiversidade. Discutir o paradigma desenvolvimentista é uma urgência, e o papel da Ecologia Humana é também promover esse debate, fomentando a crítica aos projetos nocivos de sociedade e promovendo a construção de alternativas de bem-viver. Como esclarece Bonfim:

Hoje, podemos dizer que a Ecologia Humana é uma bandeira que perfilha teóricos das mais diversas áreas do saber, todos interconectados, unidos, apesar das divergências, em prol da defesa de um meio ambiente saudável para todas as formas de vida, para um equilíbrio ecológico que esteja fundado na dependência sistêmica de todos os elementos da esfera biótica e abiótica (BONFIM, 2021; p. 83).

Entendendo a participação da Ecologia Humana na interlocução para uma realidade menos danosa à sociobiodiversidade, é possível trazê-la a um lugar de vislumbrar na natureza da humanidade a possibilidade de viver sem agredir. É possível conceber a espécie humana em sua multidimensionalidade, rejeitando a visão antropocêntrica e compreendendo as inter-relações que constituem as ecologias da vida em teia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O capital tem chegado ao campo de forma agressiva, sobretudo nas Serras, ambientes predominantemente ricos em biodiversidade, e habitados por grupos humanos tradicionais. No caso específico das Serras da Jacobina, essa é uma constatação grave, e que se torna dia após dia mais real, à medida que não há entraves burocráticos para sua implementação pelos órgãos competentes.

As Ecologias e os ecossistemas sociais, naturais, memorísticos, e outros, que compreendem o cabedal subjetivo das comunidades desse território estão se desfazendo de maneira rápida e imperceptível, modificando hábitos, modos de fazer e existir. A relação entre comunidades e agentes do grande capital sempre acaba prejudicial para o comunitário, uma vez que não tem o conhecimento necessário à compreensão de tudo o que envolve um contrato de concessão, por exemplo, o que evidencia a preponderância de uma sistemática de opressão em curso.

Esse é só um exemplo do *modus operandi* de empresas do setor energético (eólica e solar) e das mineradoras. Destacamos que essas práticas vem se dando ao longo do tempo - desde a colonização das Américas - e na atualidade o grande capital se

utiliza de mecanismos sofisticados e “amigáveis” para usufruir as riquezas da terra e do ar, assim como do subsolo.

Discutir esse contexto de conflitos ambientais no âmbito da Ecologia Humana fortalece o vínculo com a realidade da relação homem-natureza e provoca um debate mais amplo sobre as emergências socioambientais, processos complexos que requerem um olhar abrangente, a fim de enxergar as várias nuances envolvidas. Há que se incluir nos debates as consequências do modelo de desenvolvimento predatório e as alternativas para conter a destruição dos ambientes naturais que ainda restam no planeta.

REFERÊNCIAS

ANTONINO, L. A.; GERMANI, G. a Mineração e os Conflitos Territoriais na Bahia. IN: MARQUES, J.; ANTONINO, L. A.; MONTALVÃO, P. (Orgs.) **Amputações das Montanhas do Sertão**. Paulo Afonso/BA: SABEH, 2021.

COSTA NETO, E.M.; CHAMY, P.; NUNES-SANTOS, C.: Ecologia Espiritual: Reflexões para a construção de caminhos integrativos. In: **Ecologia Espiritual: integrando natureza, humanidades e espiritualidades**. COSTA NETO, E. M.; SILVA, E. R. S. Ponta Grossa – PR: Atena, 2022

COMITÊ DE ENERGIA RENOVÁVEL DO SEMIÁRIDO – CERSA - https://www.facebook.com/CERSASOL/?locale=pt_BR. Acesso em 03/mar/2023.

CONCEIÇÃO, Edmar. Brigando contra moinhos de vento: a luta quixotesca nas Serras d Sertão. In: MARQUES, J. BARRETO, A. : BARRERO, F.M.; MAIA, I. (Orgs.) **O Cárcere dos Ventos – Destruição das Serras pelos complexos eólicos**. Paulo Afonso/BA: SABEH, 2021.

BOFF, L. **Ética e Ecoespiritualidade**. Petrópolis, RJ. Vozes: 2011

BONFIM, Alan. SIVA, K. G. A transformação da Caatinga num açougue de espécies raras: sucos e bifês de araras, morcegos e onças. In: MARQUES, J. BARRETO, A. : BARRERO, F.M.; MAIA, I. (Orgs.) **O Cárcere dos Ventos – Destruição das Serras pelos complexos eólicos**. Paulo Afonso/BA: SABEH, 2021.

BONFIM, L.S.V. **História e Epistemologia da Ecologia Humana**. 1ª Ed. Salvador: *Mente Aberta*, 2020,

DIAS, J. M. T. **Lugar Geopsíquico**: Contribuições da Psicanálise para uma epistemologia da Geografia. Tese (doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências. Campinas, SP: 2019

GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina** 20ª Ed. Porto Alegre; L&PM: 2010.

GOMES, G.M. Caçadores de Sacis: o redemoinho de projetos eólicos na Chapada Diamantina. In: MARQUES, J. BARRETO, A. ; BARRERO, F.M.; MAIA, I. (Orgs.) **O Cárcere dos Ventos – Destruição das Serras pelos complexos eólicos**. Paulo Afonso/BA: SABEH, 2021.

HOUTART, F. **Dos Bens Comuns ao bem comum da humanidade**. Bruxelas: Fundação Rosa Luxemburgo, 2020.

JUSTIÇA FEDERAL DETERMINA SUSPENSÃO DE TODAS AS LICENÇAS DO COMPLEXO EÓLICO DA VOLTALIA, PERTO DE ÚNICO REFÚGIO DA ARARA-AZUL-DE-LEAR.

<https://conexaoplaneta.com.br/blog/justica-federal-determina-suspensao-de-todas-as-licencas-do-complexo-eolico-da-voltalia-perto-de-unico-refugio-da-arara-azul-de-lear/>.

Acesso em: 23/abr/2023

LOPEZ; Amazile N.; MARQUES, J. **Ecologia Humana em ambientes de montanha**. Paulo Afonso: Editora SABEH, 2017

MARQUES, J.; MAIA, I; SANTOS, R.M.; NOVAES, J.; TOMÁZ, A.F.; ALVES, M. R. A.; SANTOS, V. S.. a Cartografia do Invisível: o Tempo para além do vento. In: MARQUES, J.; BARRETO, A.; BARRERO, F.M.; MAIA, I. (Orgs.) **O Cárcere dos Ventos – Destruição das Serras pelos complexos eólicos**. Paulo Afonso/BA: SABEH, 2021.

PIRES, I. M. CRAVEIRO, J. L. **Ética e Prática da Ecologia Humana: Questões Introdutórias sobre Ecologia Humana e a Emergência dos Riscos Ambientais**. São Paulo: Editora HUCITEC, 2011

PORTO-GONÇALVES, C. W. **O Desafio Ambiental**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

RIBEIRO, C.S.; OLIVEIRA, G. C. Terras públicas, Comunidades Tradicionais e Corredores de vento: Caminhos da energia eólica na Bahia. In: MARQUES, J.; BARRETO, A.; BARRERO, F.M.; MAIA, I. (Orgs.) **O Cárcere dos Ventos – Destruição das Serras pelos complexos eólicos**. Paulo Afonso/BA: SABEH, 2021.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da Mente: Perspectivas da biodiversidade**. Trad. Daniela de Abreu Azevedo. São Paulo: Gaia, 2003.

SILVA, L. L. S.; COSTA, A. **Identidade como uma quimera de lugares**. Revista da ANPEGE. v. 17. nº. 34, p. 40 - 54, ANO 2021. Disponível em:

<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/12063/8597>. Acesso em 21/mar/2023.

TOLEDO, V.; BARRERA-BASSOLS, N. A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. In: **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 20, jul./dez. 2009. Editora UFPR.

TUAN, Y.F. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução: Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

JORNAL CORREIO DA BAHIA.
<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/parque-eolico-em-campo-formoso-que-vai-fornecer-energia-para-braskem-entra-em-operacao/>